

ano 8 | número 20 | set 2010

ISSN 1678-3417



cdm

Revista Laboratório Corpo da Matéria | Jornalismo | PUCPR

Virando a página com um toque

3%

Locations 412-19

12378

PREV PAGE

NEXT PAGE

HOME

NEXT PAGE

MENU

BACK





Calendar



Notes



App S



iTunes



AirVideo



IM



Sonic 1



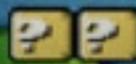
The Settlers



War



Photogene



iBooks



Beji



Store



YouTube



Settings



Db



Maps



PvZ HD



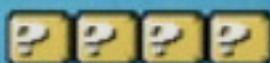
fare



Wikipanion



ComicZeal4



veIM



Dropbox



Twitterrific



A época das luzes, do esclarecimento, do Iluminismo. Esse período foi um dos mais importantes da história do pensamento ocidental. Um momento em que as idéias floream de todos os poros da sociedade. O Iluminismo é o momento em que fazemos uso da razão para nos desprendermos dos vales de lágrimas desgarradas. Seguindo esse pensamento iluminista a Corpo da Matéria trás até você um apanhado que o remeterá a esse pensamento de luzes. O conhecimento nos faz responsáveis – já dizia Che Guevara.

Assim como na época das luzes hoje o conhecimento emana de cantos, para onde olhamos vemos uma nova descoberta, uma luz. É focado nesse pensamento que levamos até você um apanhado de história, cultura e política em uma nova versão – agora a CDM chega até você na versão online.

Abrir os braços para a razão é enxergar no próximo os dons que fogem dos nossos padrões de estética; é questionar as alianças políticas; é saber aproveitar o remédio enquanto remédio; ou fazer do uso do teatro, música e cinema o seu próprio remédio. É ter consciência da emancipação plena da mulher, afinal, ‘somos todos iguais, braços dados ou não’.

Fugir dos pensamentos vácuos é voltar na história para entendermos o presente. É aproveitar os avanços tecnológicos sem esquecermos da importância dos velhinhos, sejam eles simples livros ou um mesmo clássico de futebol do litoral.

É seguindo esse pensamento de esclarecimento que entregamos em suas mãos um pouco dessa abordagem a cerca do conhecimento.

Divirta-se na viagem do seu pensamento e que venham novos esclarecimentos.

Boa leitura!

SUMÁRIO

08 CONTEMPORANEIDADE

Agora é que são Elas!

12 ESPORTES

Um leão rugindo aos 97 anos

14 DISSONÂNCIA

Bandas Independentes

17 TELEVISÃO

Google TV

20 SAÚDE

A dose correta é o que diferencia um veneno de um remédio

22 ATITUDE

Apanhador Só

26 MÍDIA

Sem Virar a Página

30 CULTURA

Fotografia

Miguilim: a Nova Peça do Grupo TA-

NAHORA

Cantando uma Nova Chance

39 ARTE

Síndrome de Down e a Arte

42 DESTINOS

O Brilho Prateado de Montevideo

49 POLÍTICA

Existe Lógica nas Coligações?





Divulgação - Jota Agostinho

AGORA QUE SÃO ELAS!

O primeiro passo já foi dado e aos poucos as mulheres estão conquistando cada vez mais seu espaço na política.

Por: Alexandra Fernandes,
Fernanda Zaremba e
Larissa Ferreira

O ano de 1928 foi marcante na vida das mulheres brasileiras, pois foi o início da vida eleitoral. E em 1932, além da conquista do voto a mulher conseguiu chegar ao poder com Alzira Soriano, prefeita em Lajes no Rio Grande do Norte. Cerca de oitenta anos se passaram e hoje, a corrida para a presidência no primeiro turno contou com duas mulheres: Dilma Rouseff e Marina Silva. E foi eleita a primeira mulher presidente do Brasil: Dilma Rouseff. Uma evolução para a mulher? Talvez. Para a deputada estadual Rosane Ferreira o fato de duas mulheres terem concorrido à presidência "é uma avanço, porém não uma evolução". As mulheres ainda ocupam poucas cadeiras parlamentares. No Paraná, por exemplo, apenas três dos 54 deputados são do sexo feminino. Para o mandato de 2011, foram eleitas Rosane Ferreira e Cida Borghetti para deputadas federais, e para dep-

utadas estaduais Marla Tureck, Luciana Rafagnin, Rose Litro e a cantora Mara Lima, e ainda para o senado Gleisi Hoffmann. A questão do poder está ligada ao homem, as mulheres são 52% do eleitorado, porém suas representações como governantes são mínimas. Para a jornalista Fernanda Martins, de fato somos um país hipócrita, dizemos que a liberdade reina aqui, mas em nossas atitudes mostramos o contrário. "Dizemos ser o país mais livre do mundo, mas a grande maioria ainda é homofóbica, contra o aborto e machista." Para ajudar na entrada da mulher no campo político foi criada em 1996 uma Lei de Cotas na qual 30% dos candidatos devem ser mulheres. A deputada estadual Cida Borghetti diz que é contra as cotas e que a mulher teme espaço na política, basta querer. "Elegermos duas deputadas federais, mais mulheres entrarão para

a Assembléia. Tem espaço nos partidos, basta a mulher correr atrás.” A deputada Rosane Ferreira ainda ressaltou que em relação ao respeito e poder a mulher alcançou igualdade neste universo. O desafio gira em torno de gerenciar todos os papéis que a sociedade lhe impõe: mãe, esposa e dona do lar. “A cobrança vem de dentro de casa. Tenho dois filhos, um de 13 e outro de 17 anos, estes dias o de 13 chegou e

me disse que estava sem calças. Meu filho cresceu e na correria do dia a dia nem percebi.”

A estudante de Serviço Social da PUC-PR e ex-candidata à presidência do Diretório Acadêmico Nicolý Kulcheski acredita que a mulher historicamente foi minimizada. Como candidata ao DCE conta que não sofreu nenhum preconceito direto, mas que sabe que por trás deveria existir. “Muitas vezes nas reuniões os homens batiam



Eleita para Deputada Federal, Cida irá à Brasília para o primeiro mandato



Foto: Divulgação

Mulheres paraenses se mobilizam por mais participação na política

na mesa e levantavam a voz, em uma tentativa de nos inibir. Mas hoje isso não é mais real, uma vez que temos a mesma força." Ela relembra ainda que o irmão de 14 anos começou a frequentar os movimentos estudantis com ela e gostou, assim decidiu que iria fazer Serviço Social. Quando foi comunicar ao pai a

decisão a resposta foi certa: você precisa de algo que dê dinheiro. "Ou seja, eu poderia fazer qualquer coisa porque sou mulher, mas ele não, porque como homem da casa precisa mantê-la. Hoje apenas uma mulher representa um DCE no Brasil, na universidade UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto/MG.

Leonardo Quintana Bernardi,
Leonardo Barbosa e
Diogo Souza

Um leão rugindo aos 97 anos

O futebol nada mais é do que saudosismo. Qualquer clube em seus hinos exaltam sua história, seu passado de glórias. O Rio Branco já é quase mais um centenário no futebol paranaense, com 97 anos de história, o Leão da Estradinha segue firme com saudosismo, alegria e tristeza. Tudo junto. Solta o leão!

Quando você chega a Toca do Sericó, bar localizado na Estradinha, estádio histórico do Rio Branco, a primeira visão que se tem é de um bar comum, cerveja na mesa, conversa fora. Lá se discutem histórias de um tempo onde o futebol parnanguara era digno de clássicos entre o Rio Branco e o extinto Seletto na Estradinha, lar do time parnanguara. Casa esta que nos últimos anos foi deixada de lado para dar lugar ao bom estádio do Carangueijão, localizado ao lado da rodoviária

e perto do centro histórico. Estádio melhor que a Estradinha e mais confortável. Tem vezes que o melhor não é o certo.

Ir a Estradinha era uma atividade de recreação como poucas, a grade separava a arquibancada do gramado a ponto do jogador adversário ouvir no "cangote" as palavras carinhosas dos riobranquistas. Chinelo voava, radinho voava, tudo ia, só ficava os pés descalços, o ouvido sem narração e a risada solta no ar. A cerveja era gelada para aliviar o calor do verão parnanguara. Lá se ganhava no grito, não tinha clube que não tremia, os três da capital tinham recepção calorosa e erravam passes bobos, sendo que nem era o chinelo jogado que desviava a bola. Se os adversários eram assim imagine então os juízes. Alívio de stress garantido era ir a Estradinha.

O Rio Branco em seus 97 anos de história conseguiu boas participações no Campeonato Paranaense, um título da segunda divisão do Estadual e até participar da Copa do Brasil. Pouco importam os títulos, a paixão pelo clube reflete a história do Paraná e de Paranaguá. O clube nasceu um dia depois do aniversário do irmão



Rio Branco em 1919, quando ir ao estádio era de terno, gravata e chapéu.

mais rico da capital, o Coritiba: 13 de outubro. Pouco se fala no Rio Branco, pouco também se fala na cidade de Paranaguá.

O Sele-Rio, clássico envolvendo Seletos e Rio Branco ficou pra trás com a extinção do clube seletense em 1971, quando passou apenas a ser um clube voltado ao social. O Atletiba do litoral movia a cidade, dividia ela em duas, contam os mais velhos e obviamente mais sabidos. Eles dizem que quase nenhum jornalista da capital cobria os jogos, o mesmo que faz o eixo Rio – São Paulo com os times

de Curitiba. Até hoje a rivalidade permanece, com cabelos brancos é claro, mas existe.

O Leão da Estradinha é o terceiro clube mais antigo do estado do Paraná. Falar de sua história é falar do Paraná, é falar de Paranaguá. O clube não recebe ajuda alguma da Federação Paranaense de Futebol, é mantido por empresários da cidade e Prefeitura, aos trancos e barrancos permanece rugindo. Hoje os jogos são no Carangueijão, o chinelo não voa mais, nem cerveja mais pode tomar no estádio, daqui uns dias tiram da gente a vontade de berrar gol.

Por: Milene da Mata,
Priscila Ribas e
Robson Leandro



BANDAS INDEPENDENTES

No início dos anos 90 surgiu a internet, revolucionando a vida das pessoas em diversos aspectos, desde a facilidade de não precisar ir até o banco para pagar uma conta, até por ter se tornado uma nova forma de lazer.

Um dos segmentos que foi transformado totalmente pela invenção da internet foi o cenário musical das músicas com apelo popular, ou seja, as músicas que existem para tocar nas rádios.

E a internet trouxe para esse nicho de mercado pontos positivos, assim como também pontos negativos. Antigamente, a qualidade musical era maior, os músicos tocavam por paixão ao que faziam e montavam uma banda para tocar, ao contrário de hoje, que montam para fazer sucesso. Vendo sob esse aspecto, a internet banalizou a música como produto. Em contrapartida, teve seu lado

positivo para o cenário musical no sentido da facilidade, ou seja, tornou-se muito mais fácil de ser visto e ser conhecido, embora isso não seja tudo.

O que mudou para as bandas mudou também para as gravadoras de som, que além de gravadoras tiveram de se tornar produtoras de shows, afinal o lucro que se tem hoje em dia com a venda de CD's é mínima, fazendo com que o mercado da música tenha de se sustentar através da venda dos seus shows.

Um exemplo disso é a banda Calypso, que é a banda independente que mais ganha

dinheiro no Brasil. O Calypso recebe propostas de diversas gravadoras, mas continuam divulgando e produzindo seu produto de forma independente, tendo dessa forma todo o lucro apenas para eles mesmos – um exemplo que deu certo.

O problema de não ter uma gravadora é a falta de exposição na mídia, o que faz muita diferença na hora de divulgar o produto. Um exemplo real é a banda Detonautas, que toca rock brasileiro e já fizeram muito sucesso por todo o país e tiveram uma grande exposição nos rádios e televisão, porém, decidiram tocar um som dife

Integrantes da Banda TokSix tiveram que investir 300 mil reais para estourar no Brasil.



rente do que tocavam antes - o resultado foi que a gravadora não aprovou e desde então tornaram-se uma banda independente, diminuindo consideravelmente sua exposição na mídia.

Hoje em dia poucas pessoas ouvem falar do Detonautas, mas a banda ainda existe. Segundo Marco Leodoro, músico e baixista da banda TokSix, o que acontece no cenário musical brasileiro atual é que o ponto mais importante para o sucesso não é a qualidade, e sim o dinheiro.

As gravadoras fazem propostas altas para as bandas para que elas "toquem no Brasil inteiro", ou seja, quem tem dinheiro faz sucesso. E Marco viveu esse dilema na pele quando era integrante da extinta banda Áyra.

O grupo se auto intitulava rock nacional e fizeram sucesso no cenário Curitibano, mas sentiram dificuldade na hora de evoluir e tocar para o Brasil todo, pois embora tenham recebido muitas propostas de grandes gravadoras, sempre

havia muito dinheiro envolvido. "Eles nos ligavam cobrando em torno de 300 mil reais para estourar no Brasil todo", revela Marco. Com isso, a banda não resistiu às barreiras e chegou ao fim no começo desse ano.





Google TV

TV MEETS WEB. WEB MEETS TV.

Por: Larissa Sandri e Vinícius Salvino



A ANTIGA MANEIRA PASSIVA DE RECEBER INFORMAÇÃO E ENTRETENIMENTO PELA TELINHA JÁ VEM MUDANDO E VAI MUDAR AINDA MAIS DEPOIS DO SEU LANÇAMENTO.



Eric Schmidt, CEO do Google, no lançamento do Google TV

O mundo nunca mais vai assistir televisão da mesma forma. A antiga maneira passiva de receber informação e entretenimento pela telinha já vem mudando e vai mudar ainda mais depois do lançamento do Google TV.

O novo programa, desenvolvido pelo gigante da internet, combinará televisão, DVDs, gravadores e a internet. Em linhas gerais será um novo canal de televisão, o Chrome, que terá como características uma internet dentro da televisão.

Esse canal fará buscas simultâneas de programas em

todos os canais, aplicativos e na internet. Programas que estão passando, já passaram ou ainda irão passar poderão ser gravados e acessados qualquer momento. É uma revolução. "Com uma ferramenta assim, o telespectador terá voz. Isso acarretará em mudanças não só no público, mas principalmente na programação.", comenta o especialista em novas mídias, Ricardo Rocha. Com esse recurso, o espectador poderá formar seu próprio canal, já que é possível montar uma programação juntando a-trações de diversas emissoras.

Além disso, o canal terá

aplicativos. Pela tecnologia android, a televisão terá uma tela inicial com os aplicativos mais usados pelo dono, seja twitter, os melhores videos selecionados, um canal da teli-nha ou até um programa de televisão gravado.

E o melhor de tudo. A eterna busca pelo controle remoto perdido dentro da casa pode acabar. O telefone celular pode ser usado como controle. Inclusive através da voz. "O Google sempre buscou conforto para seus clientes. E foi assim que ganhou todo esse mercado.

O consumidor percebe que ele pode ter um mecanismo que faz tudo por ele, isso é qualidade de vida.", completa Rocha.

Nas primeiras versões, o Google TV funcionará através de um televisor fabricado pela Sony. O preço inicial é de US\$ 600 para o modelo de 24 polegadas e chega a US\$ 1,4 mil para o de 46 polegadas. A Sony também lançará um decodificador de 400 dólares com funcionalidades semelhantes às dos televisores, e que inclui um player Blu-ray.

Google TV  Quick Tour Features Spotlight Developers Get It Share

Use your phone as a remote control.
Control the TV with your phone, and even use your voice to search.

◀ Prev Next ▶

Divulgação

Demonstração do uso do celular como controle remoto do Google TV

A dose correta é o que diferencia um veneno de um remédio

O aparente uso inofensivo de remédio pode gerar um problema em potencial para a sua saúde.



Lorena Dias, Mariana Hillbrecht e Simone Sadoski

Uma atitude muito comum utilizada por uma grande parte das pessoas é a automedicação. Por trás desta prática aparentemente inofensiva e sem conseqüências está um problema em potencial para sua saúde. Por isso uma dose acima da indicada pode transformar um remédio em um tóxico perigoso. Mesmo sabendo do risco ao comprar remédios com base na indicação de amigos e vizinhos, várias pessoas ainda recorrem a essa prática. Fatores econômicos, políticos e culturais têm contribuído para o crescimento e a propagação da automedicação no mundo, tornando-a uma questão de saúde pública.

O médico Niazzy Ramos do Hospital de Clínicas da Univer-

sidade Federal do Paraná alerta que muitas vezes, estes remédios não prescritos causam novas doenças, mascaram os seus sintomas ou não têm efeito nenhum, fazendo com que o incômodo e o mal estar do paciente continuem. O risco de tomar medicamentos em excesso, sem indicação médica, é adoecer. "A dose exagerada de comprimidos para resfriado, por exemplo, pode ter como efeito colateral aumento da pressão sanguínea", alerta o profissional.

Outro problema derivado da automedicação é a interação medicamentosa, em que acontece a ação de vários medicamentos entre si, um interagindo com o outro. Nesta situação as sensações podem

ser somadas ou anuladas. Por exemplo, anti-inflamatórios com anticoagulantes.

O efeito do segundo pode ser reforçado. "É preciso deixar claro que o uso de medicamentos indevidos causam risco ao paciente e podem agravar doenças. Existem muitos casos de internação por intoxicação medicamentosa, estes casos estão relacionados à ingestão de vários medicamentos ao mesmo tempo", informa Ramos.

Além disso, certas substâncias ao serem usadas indiscriminadamente acabam modificando a ordem fisiológica do organismo de um paciente. Os analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios são os mais usados pela população sem as recomendações médicas. Por isso, são também os que causam maior intoxicação. O uso indiscriminado desses medicamentos, como a dipirona, por exemplo, pode abaixar os níveis de células de defesa encontrados no sangue.

Um outro conceito a ser alertado e tido por muitos como inofensivo, é o uso indetermi-

nado de medicamentos fitoterápicos, ou do tipo homeopático. A diferença está no processo de fabricação, de um medicamento homeopático é totalmente diferente de um fitoterápico, bem como sua concentração final, seu modo de ação e o tempo de tratamento. Esses remédios naturais, usados sem uma orientação especializada facilitam o aparecimento de reações indesejáveis, que pode ser evitado com uma simples conversa com um profissional da área da saúde. Os medicamentos fitoterápicos estão em fase de estudos, porém há vários indícios de intoxicação, afirma o médico.

Consumir medicamentos de forma inadequada ou usá-lo de forma irracional também pode causar dependência, reações alérgicas e até a morte. Nenhum medicamento deve ser usado sem uma indicação precisa, pois poderá colocar em risco a saúde. "O que pode ser feito para evitar esses abusos é um trabalho de esclarecimento à população, mostrando os riscos de usar medicamentos sem orientação médica", finaliza.

APANHADOR SÓ

Por: Everton Fontoura, Murilo Basso e Ricardo Prado

Lançandomãodepercussõesinusitadas e letras sofisticadas o quarteto gaúcho Apanhador Só foi um dos indicados ao Aposta MTV de 2010.

Rock, MPB e country se misturam para dar corpo a canções capazes de surpreender o ouvinte após algumas audições. "Se for muito fácil na primeira audição acaba se tornando raso ao longo do tempo. É muito uma proposta de longevidade do disco, de não fazer algo para ficar apenas aqui. Eu penso que tem que ficar o máximo possível na vida das pessoas. Não é à toa que fazemos música", diz o guitarrista Felipe Zancanaro.

Conversamos com Alexandre Kumpinski (voz) e Felipe, na pauta cinema, planos, Porto Alegre e todo o processo de concepção do último trabalho do grupo. Confira:

CDM: Como é lidar com as comparações com Los Hermanos? Isso incomoda?

Felipe: Para nós é super tranquilo. Afinal conhecemos bem onde buscamos nossas origens, onde a gente bebe. E

acho que são referências muito parecidas com as deles. Talvez venha daí a comparação. Misturar música brasileira e rock com letras mais poéticas.

Kumpinski: Acho que por ser mais melodioso. A galera desce a guitarra e canta melodioso. Pronto, já é Los Hermanos (risos)

CDM: E como é fazer samba quadrado em Porto Alegre, uma cidade tradicionalmente roqueira?

Felipe: Acho que isso é muito mais uma visão que do pessoal de fora tem, do que a que temos daqui. Apesar de a grande maioria ter essa levada "rock-oasis", também existe uma galera que faz outras coisas, que relaciona com samba.

Kumpinski: Agora é Oasis né? Antes eram Beatles (risos). É isso que chama um pouco minha atenção; essa "outra galera" fica muito res-



Fotos: Rafael Rocha

trita a Porto Alegre, certo? A visão predominante de quem está fora talvez seja essa mesmo, "rockzinho-mod" que, vez ou outra, faz "escapar" alguma banda bacana. Pública, por exemplo...

CDM: Então vocês não se consideram "rock gaúcho"?

Kumpinski: É que o "rock gaúcho" virou um gênero e nós não estamos dentro desse gênero. O que acontece é que somos uma banda de rock e somos do Rio Grande do Sul (risos). A estética é diferente.

CDM: Hoje em dia quem são as bandas "pares" do Apanhador Só?

Kumpinski: Banda Gentileza, Bazar Pamplona, Pélico... Acho que temos alguma relação, mesmo não estando na mesma geração, no mesmo "bolo", com os caras do Curumim.

CDM: O pessoal do Mombojó disse uma vez que compunha suas músicas pensando nos cliques delas. Você já chegou a compor / arranjar pensando em imagens? Tenho essa sensação com "Porta Retrato".

Felipe: Eu também. ser.
(risos)

Kumpinski: Cara, isso não é consciente. Até "Porta Retrato" quem colocou a letra foi mais o Estevão. A letra partiu mais dele do que de mim. É certo que uma coisa acaba influenciando a outra na hora da criação. O que tu tem de referências, de bagagem acaba acrescentando, mas o que exatamente eu não sei precisar.

CDM: Falando em "Nescafé" ela também é assinada pelo Ian Ramil? Quem é ele? Parente de algum Ramil famoso?

Kumpinski: É filho do Vitor Ramil (risos).

CDM: E de Vitor Ramil? Curtem?

Kumpinski: Pô, sou fãzaço!

CDM: Kleiton & Kledir?

Kumpinski: Eu acho um saco! (risos) Parou né, velho! Os caras fizeram uma música lá, "Deu Pra Ti", e resolveram se atirar nas cordas e ficar vivendo do que já tinham. Já o Vitor estourou com "Estrela, Estrela" e não parou. Hoje tá com uma obra linda e lança um disco melhor que o outro. Quarenta e tantos anos e não pára. E eu acho que é assim que tem que

CDM: Soube de uma gaúcha que mora no exterior e soltou a seguinte frase "esse é o disco que eu ouço pra matar a saudade de casa". E aí, tem cara de Rio Grande do Sul mesmo ou é balela?

Kumpinski: Tem cara de Porto Alegre. Do Bonfim, dessas ruas. Da tarde de Porto Alegre... Tem esse clima, de uma cidade que não é uma grande metrópole, mas também não é uma cidade pequena. Tem um pouco da molecagem dos campos de futebol da Zona Norte. Tem a Osvaldo Aranha ali atrás, cheia de carros e ônibus, mas aqui nós estamos em uma ruazinha parecida com a rua do meu pai. Árvores. Tem muito disso nas composições, muita coisa do ambiente.

Felipe: Tem muita coisa da rua. De sair a tarde e acabar na casa de um amigo a noite. Esse ambiente de estar solto na cidade, sabe-se lá para onde você vai. Eu não compus, mas sinto muito isso. E Porto Alegre não é uma cidade para turista. Se tu chegar aqui e for seguir placas tu vai parar em um lugar totalmente contrário do lugar que tu pretende chegar. Tu vai



Fotos: Rafael Rocha

seguindo a placa, ela vai te indicando o caminho e de repente não tem mais placa nenhuma e tu tá indo na direção errada. Mas é uma cidade provinciana, de certa forma. No Bonfim tu sempre acaba encontrando algum conhecido. Se tu sair na rua tu acaba conhecendo as pessoas. E as pessoas conversam contigo, criando um pouco esse clima.

CDM: Então, próximos passos? Amadurecer, perder a inocência, cair nas drogas...

Kumpinski: Concretamente já estamos pensando no clipe, filmamos o show de lançamento aqui e foi ótimo, lotaram as duas sessões. Filmamos com uma boa estrutura, sete câmeras. Captamos o som

separado e pretendemos fazer uma pós-produção bacana e lançar um DVD, embora isso deva demorar (risos). Continuar fazendo shows, divulgar, porque sentimos que estamos em um momento bom. As pessoas estão gostando do disco, ele está se espalhando sozinho, o número de downloads não caí. Temos que aproveitar e continuar fazendo shows, porque muita gente vai ao nosso show e diz que ele é melhor que o disco (risos). E já estamos com umas seis músicas para o segundo disco.

Felipe: Já pensando em quando o ritmo começar a diminuir, para já estarmos trabalhando no próximo disco.

SEM VIRAR A PÁGINA

Por: Ana Paula Scorsin, Flávia Angélica e Nathalie Maia

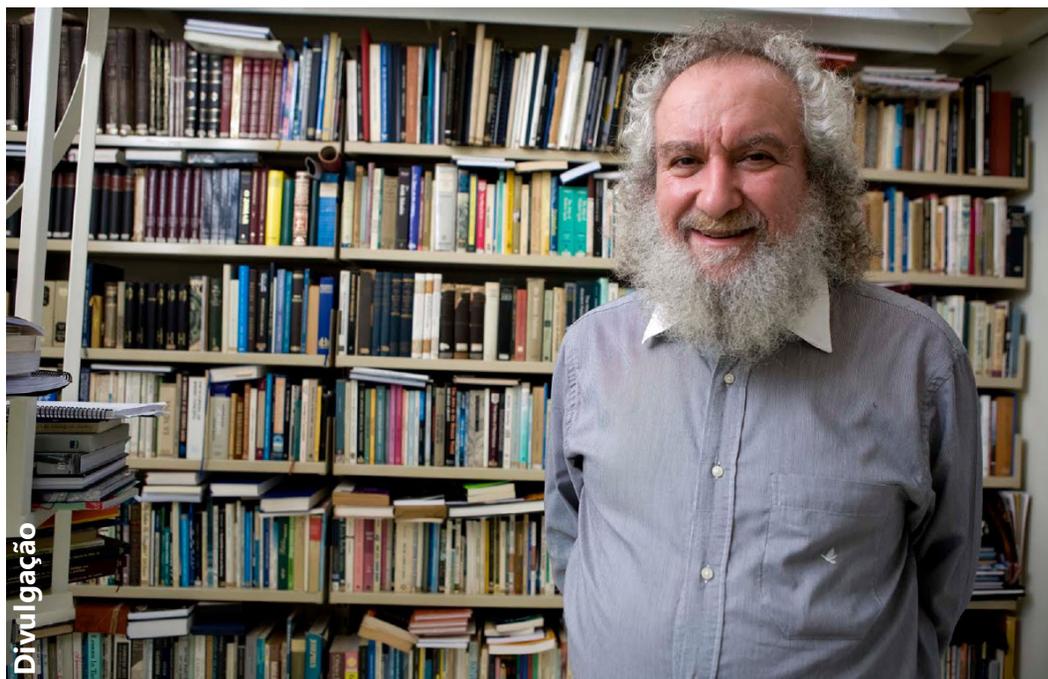
Os livros digitais prometem leitura em tela com muito conforto, mas nem todos são favoráveis a essa novidade.

Companheiros de alfabetização, naquelas historinhas contadas pela vovó, nos clássicos da literatura e até os longos trabalhos das faculdades, o livro carrega uma bagagem singular em muitos períodos da história.

Sócrates jamais deixou algo escrito, apenas transmitiu seu conhecimento através da fala, forma muito utilizada naquele período, alguns séculos depois foram desenvolvidos os papiros e pergaminhos no Egito. A grande revolução aconteceu somente com Johannes Gutemberg conhecido pela impressão do primeiro livro da História, uma bíblia em torno de 42 linhas. Para esse processo o inventor e gráfico alemão demorou em torno de cinco anos e toda essa história

exige alguns bons livros, mas isso antes do advento da tecnologia, porque com a chegada dos e-books mais de 1400 anos podem caber em suas mãos.

Para José Luiz Goldfarb, professor e criador do Prêmio Jabuti, principal prêmio da literatura no Brasil, não é somente o fator da tecnologia que influenciaria para um "suposto" final do livro. "O que as pessoas têm que entender é que a falta de educação e cultura na hora de usar as tecnologias, elas vem para auxiliar na busca, na agilidade e rapidez de conseguir algum título, porém o processo editorial de confecção continuará o mesmo, acredito que ainda está longe o dia que as pessoas irão produzir um livro e colocar direto na internet", comenta.



Professor José Luiz Goldfarb: "O livro não vai acabar"

"Não tem no Google não existe"

O debate em torno do uso do livro no meio acadêmico é ainda mais profundo, a famosa expressão que 'tudo pode ser encontrado na internet', nem sempre é verdadeira. Camilla Duarte está no sétimo período do Curso de Letras da Universidade Federal Fluminense e, durante esse tempo, as pesquisas em livros se tornaram quase obrigatórias. "As obras em latim, por exemplo, que envolviam a pesquisa dos radicais da nossa língua, não são achadas na internet, além disso, mui-

tos autores de escolas britânicas também não estão disponíveis." Para ela a tecnologia se torna somente um meio de busca mais rápido, porém não o mais eficaz em alguns casos.

Mercado editorial vs. Tecnologia

Apesar da rivalidade do mercado editorial dos livros e a tecnologia, o período é de vitalidade para os números, segundo dados da ANL – Associação Nacional das Livrarias nos dois últimos anos o aumento chegou a 12%. Inúmeros fatores podem fazer parte dessa evolução, em linhas gerais, o crescimento da economia aliado as oportuni-

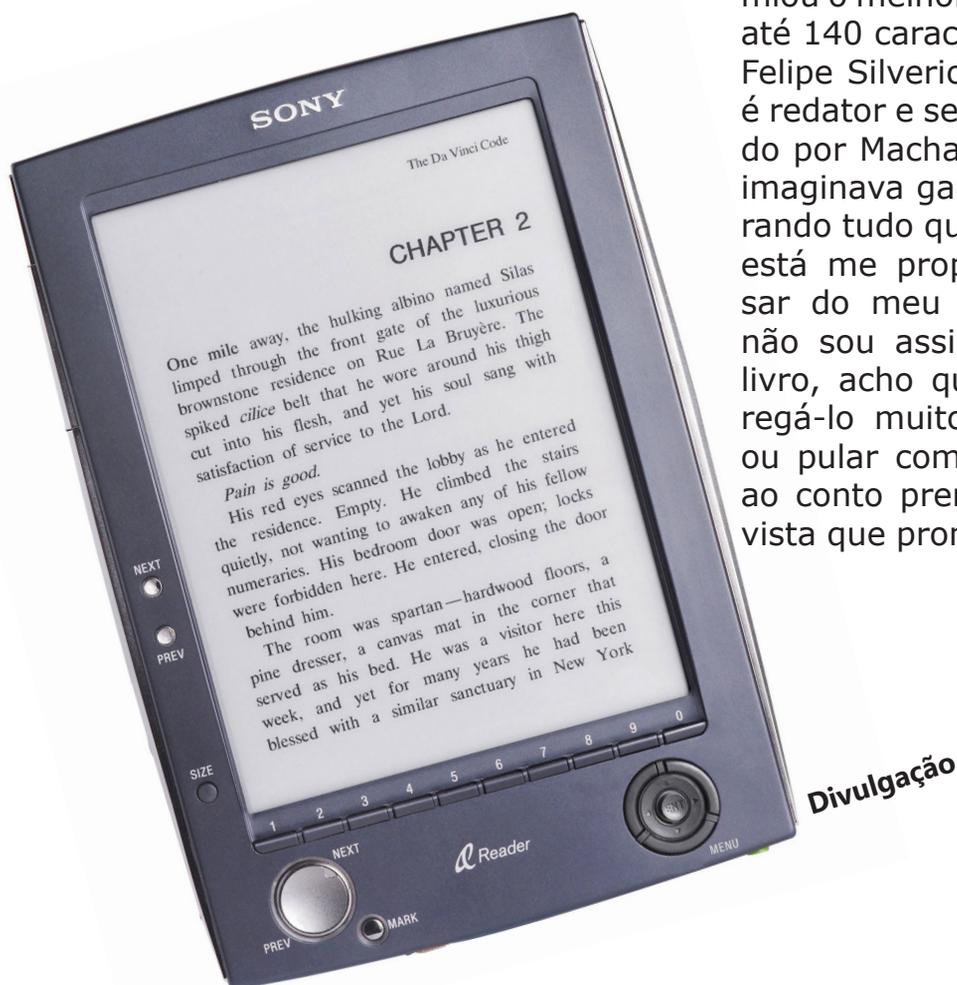
dades de promoções via internet facilitam a vida dos leitores.

O aposentado Gregório Oliveira, aproveita a frequência dos filhos e netos em frente ao computador para pedir seus livros e ainda garante que adora essa facilidade. "Quer coisa melhor? Eu só preciso pedir, e ainda chega à minha casa, pena que pra pagar eu não tenho escapatória (risos)." Quando perguntam sobre os livros digitais, é categórico: "Não dá para colocar vários na estante, não é? Então não me interessa".

A internet e sua importância

A criação de concursos na internet pode possibilitar o surgimento de talentos antes desconhecidos para as editoras. "O nosso primeiro concurso de microcontos teve mais de 1500 participações, e o vencedor já tinha outros contos escritos. Com a visibilidade pode negociar seus lançamentos em uma editora", conta Goldfarb.

O concurso em questão foi feito pelo professor nos encontros de twitteiros culturais e premiou o melhor microconto - com até 140 caracteres. O vencedor, Felipe Silverio (@felipesilverio), é redator e se declara apaixonado por Machado de Assis: "Não imaginava ganhar, e estou adorando tudo que essa visibilidade está me proporcionando. Apesar do meu conto pessimista, não sou assim na questão do livro, acho que ainda vou carregá-lo muito no braço ainda, ou pular com ele [referindo-se ao conto premiado - 'Esta é a vista que prometi. Agora pula']"



Divulgação

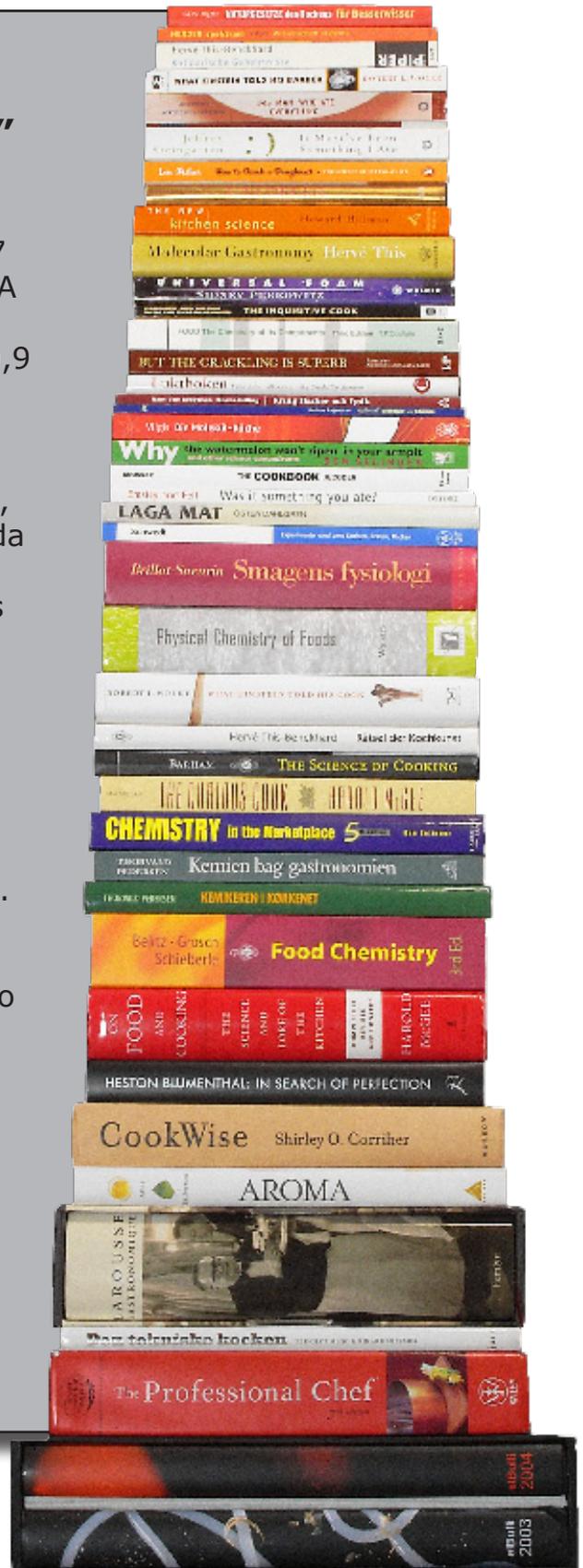
BOX DA SÉRIE "LIVRO" US\$ 72,6 bilhões

- O brasileiro lê, em média, 4,7 livros por ano contra 10 nos EUA e 15 na França. Dos 4,7 livros lidos pelos brasileiros, apenas 0,9 não são livros didáticos.

- A Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) recomenda que haja uma livraria para cada 10 mil pessoas. No Brasil temos 2.700 livrarias, ou seja, uma para cada 70 mil habitantes.

- Segundo pesquisa feita pela Unesco, o faturamento mundial dos livros impressos deve cair de US\$ 72,6 bilhões em 2009 para US\$ 71,9 bilhões em 2013. As vendas dos e-books devem aumentar de US\$ 1,1 bilhão para US\$ 4,1 bilhões, no mesmo período.

- A estimativa é que até 2013 o número de livros lidos por ano aumente em torno de 25%.

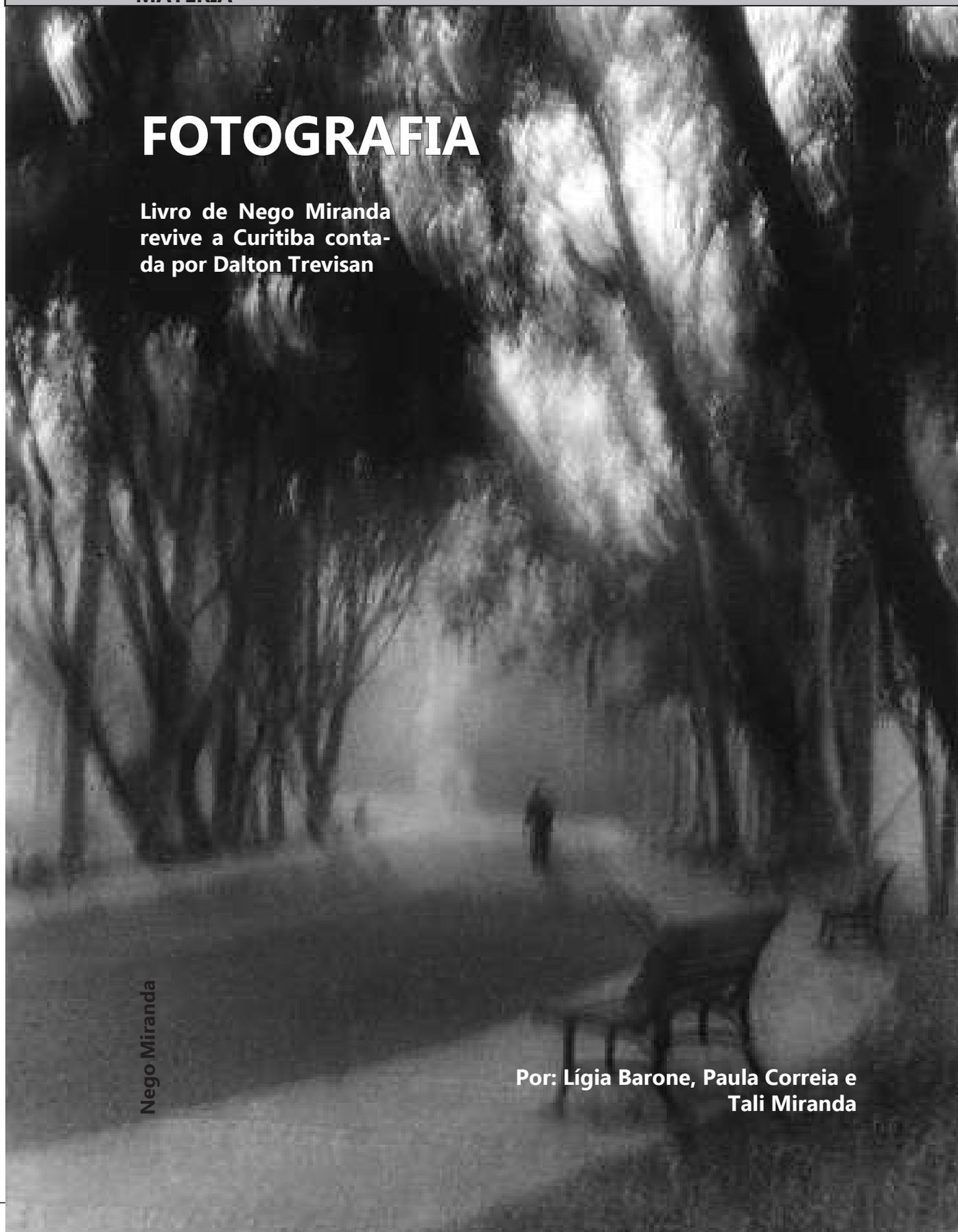


FOTOGRAFIA

Livro de Nego Miranda
revive a Curitiba conta-
da por Dalton Trevisan

Nego Miranda

Por: Lígia Barone, Paula Correia e
Tali Miranda



A capital paranaense tem dentre suas glórias ser cidade natal de um dos grandes nomes da literatura brasileira: Dalton Trevisan, o eterno vampiro da Curitiba cinza, sombria, que nunca mostrou a cara, mas conhece uma cidade além daquela que seus outros moradores vêem.

Inspirado nos acontecimentos do cotidiano e nas angústias, Dalton recriou, em seus contos de linguagem concisa e popular, universos comuns e repletos de tramas psicológicas vividas por personagens baseados nos habitantes da cidade.

Ao lermos seus livros temos uma noção de qual o seu olhar sobre uma capital discreta, que quer saber de tudo, mas põe o que não se pode saber embaixo do tapete, assim como o comportamento dos seus habitantes tão polidos de idôneos.

Porém, nunca alguém tentou e conseguiu recriar esse mundo de forma tão bela como o fotógrafo Nego Miranda em "A eterna solidão do vampiro". Muito mais que um ensaio fotográfico, o livro junta textos e imagens que se completam inteiramente quebrando a idéia de limites no uso das duas linguagens juntas.

"Curitiba é o grande personagem na obra do Dalton", diz o fotógrafo Miranda. Em conversas com a enteada Letícia Magalhães, professora do

Colégio Sion, sondaram a possibilidade de fazer um livro de fotografias sobre a cidade de acordo com a obra de Trevisan.

Como diz Letícia, responsável também pela apresentação do livro, a literatura de Dalton Trevisan aproxima-o de um pintor impressionista. A fotografia de Nego Miranda, além de possuir tons sombrios, desprende-se dos contornos, deu-nos um outro ângulo, um outro olhar.

Aos 64 anos, o fotógrafo realizou vários trabalhos documentais, viajando pelo estado para registrar imagens ligadas à produção de erva-mate ou à arquitetura de madeira. Ao fazer imagens inspiradas pela obra de Dalton Trevisan, Miranda pela primeira vez teria de criar tanto quanto observar.

Do Passeio Público ao centro antigo, passando pelas ruas de pedra do bairro São Francisco e pelos "cemitérios de elefantes" da nova urbe, o itinerário proposto pelo fotógrafo se multiplica por várias Curitiba, exatamente como faz o grande contista em sua vasta obra.

Miranda não conhece Trevisan e o mais perto que chegou dele neste projeto foi ao fotografar um bordel nas redondezas da Rua Ubaldino do Amaral, próximo da casa do escritor. O fotógrafo não pensou em fotografar o autor. "Cercá-lo, como fazem por aí, é uma invasão", diz.



A nova peça do grupo TANAHO

Por: Bárbara Lobo, Michelle Bragantini e Ricardo Virmond

O diretor de teatro e coordenador do grupo TANAHO Laercio Ruffa, do teatro da Pontifícia Universidade Católica do Paraná falou sobre sua nova peça "Miguilim" baseada em um livro e também sobre sua vida como artista.

Há 22 anos está à frente do grupo teatral, que funciona dentro da instituição. Ele fala sobre o novo espetáculo do grupo, inspirado na obra de Guimarães Rosa, adaptado pelo ator e dramaturgo

Edson Bueno.

O grupo tem 12 atores, incluindo Tiago Galan Mazurkevic de apenas oito anos de idade, que interpretara Miguilim. A estreia da peça foi no dia 23 de outubro no TUCA- Teatro da PUCPR.

A curiosidade sobre a peça foi como o diretor Laercio chegou a pensar em fazê-la, e de onde veio a ideia e inspiração. Ele explica que partiu de uma amiga médica que leu o livro e o indicou. Laércio aprovou a leitura e produziu o Miguilim.

Um espetáculo indicado para todas as idades, que descreve a vida de um garoto de oito anos de idade, que não se conforma com a sua vida e a da família no sertão mineiro, tudo para ele era feio e difícil, mas comparado ao parecer do seu irmão, que achava o sertão um bom lugar para se viver, ele vivia inconformado. Sonhava em deixar o lo-

cal onde morava e acreditava que, além da aridez do sertão e todas as suas dificuldades, existia outro mundo que ainda estava para ser conquistado.

A mensagem da obra fala de descobertas e a busca dos sonhos, e todos os obstáculos que implicam para serem concretizados, enfim, uma lição de vida para todas as pessoas.

Foto: Michelle Bragantini



Teatro universitário com profissionalismo

A PUCPR oferece para os atores do grupo TANAHORA uma boa estrutura para sua profissionalização. Além dos palcos, eles têm no curso de Artes Cênicas professores qualificados e espaços adequados para o desenvolvimento acadêmico e profissional. O resultado são conquistas em Festivais de Teatro no Brasil e no exterior. As peças premiadas do elenco são: "Escola de Mulheres", "Bella Ciao", "Orquestra de Senhoritas" e "Lua de Cetim". Também faz parte do TANAHORA, a participação do I Festival Universitário de Lusíadas, realizado em Lisboa, Portugal. A equipe representou a América Latina com a peça "Entre Quatro Paredes", em 1996.

Sobre a vida de Ruffa e sua trajetória profissional, ele começou atuando e nunca tinha pensado em dirigir um teatro como faz hoje, que é o que mais gosta. Ele começou a demonstrar talento ainda quando garoto, escrevendo roteiros e dirigindo colegas de escola. Até um professor o alertava que ele tinha talento para dirigir e ele teimava que

seu maior desejo era atuar. Foi quando tomou gosto pela coisa e hoje é o mais faz de melhor.

E sobre a profissão de um artista no Brasil ele disse que é difícil, mas quando se tem talento e dom, é possível ter reconhecimento. O segredo é lutar por aquilo que acredita e achar seu lugar. Comparou a profissão de ator em termos de dificuldade com a de jornalista, já que também é jornalista formado, mas nunca exerceu a profissão, mas avisa que "basta lutar por aquilo que acredita e se dedicar que você tem seu espaço". Laercio foi interrogado sobre o que pensava da crítica teatral em Curitiba. Em sua opinião disse que o público curitibano não é crítico, pois frequenta pouco o teatro. Deu o exemplo do seu grupo teatral, por ser um grupo situado dentro da universidade, quem menos frequenta os espetáculos e as oficinas é a Instituição. Mas ele não culpa os alunos somente, diz que falta coragem de se integrar e incentivo dos professores. Para os alunos, o que falta é divulgação e incentivo, como cartazes e divulgação em sala sobre o teatro TANAHORA.



Foto: Michelle Bragantini



Por: Amanda Ludwig, Alessandra Belini e Gisele Linhares

CANTANDO UMA NOVA CHANCE

O coral "Sou da Paz" resgata crianças e dá a elas algo com o que sonhar

O músico Plínio de Oliveira leva adiante o coral "Sou da Paz", formado na Vila das Torres, em Curitiba. A novidade é que os integrantes são, em maior parte, crianças carentes, que comparecem semanalmente ao ensaio

ministrado pelo próprio músico.

A CDM acompanhou alguns ensaios, e percebeu que enquanto muitas das crianças se entregam como adultas às músicas, outras ainda deixam transparecer seu medo de mostrar voz

Crédito da Fotografia: Gisele Linhares



Coral "Som da Paz"

na frente de outras pessoas. Após cada música e apresentação, uma salva de palma de todos os outros participantes. "Aqui, a paz já não é um sonho", comenta Plínio.

Os ensaios acontecem toda quarta-feira, ONDE, e as crianças são buscadas e levadas para casa por um ônibus, cedido pela Associação Espírita do Paraná. Durante o ensaio, recebem ainda alimentação e orientações – psicológica e pedagógica.

Plínio prega que é preciso ter atenção, paciência e distribuir conselhos. "Amor, esse é o método utilizado. Quando elas estão revoltadas, precisam ser tratadas com carinho", diz o músico. Ele ainda pede alegria constante durante os ensaios, já que não quer levar ninguém de cara "amarrada" para os shows. A proposta do coral é profissionalizar essas crianças, dando a elas oportunidades reais.

Uma das integrantes do "Sou da Paz", Rayana dos Santos, de 11 anos, está no grupo desde sua fundação, e já participou de inúmeras apresentações ao lado de Plínio. No DVD "Os Sons da Primavera", que o músico lançou recentemente, ela foi a responsável por interpretar um

dos solos vocais. "Amo este coral, e aprendo muito aqui. Entrei com quatro anos, e quero lutar para ser uma grande cantora profissional", diz a jovem solista.

O projeto já descobriu muitas pessoas de talento. Ou, como Plínio prefere dizer: já transformou muitas pessoas. O músico afirma que o modelo pedagógico do coral não aceita métodos antigos, como a repressão, e bate sempre na mesma tecla: "Queremos transformar o íntimo destes alunos, e se eles não receberem amor, não saberão o que é isso, e conseqüentemente não saberão transmitir este amor."

Com condições difíceis e alguns sonhos escassos, com famílias problemáticas e condições mínimas de vida, essas crianças traçam dia-a-dia oportunidades de mudanças e tentam conquistar seus sonhos através da música.





Crédito da Fotografia: Divulgação

Gravação do DVD "Sou da Paz".

Sobre o músico

O músico curitibano se dedica ao que chama de música da paz. Suas apresentações mesclam canções, poesia e textos de teor psicológico, espiritual e filosófico. O concerto terá 14 músicas de autoria de Plínio de Oliveira e todas as canções são baseadas na estrutura da música popular brasileira, com letras que expressam mensagens de otimismo, redenção e, sobretudo, o amor. "Nosso show é um momento de reflexão para todos. As letras nos fazem pensar no que estamos fazendo para realmente sermos felizes em nossas vidas", disse Plínio.

Para Plínio, obras artísticas envolvendo a espiritualidade estão passando por um momento na mídia nacional. O

músico destaca o sucesso que filmes como Chico Xavier e Nosso Lar estão fazendo e os altos índices de audiência da novela Escrito nas Estrelas, para ele, este é um bom momento onde o público em geral está deixando um pouco de lado os assuntos materiais e se dedicando mais a espiritualidade, "estamos passando por uma fase de transformação, a mudança é evidente, temos que comemorar. O filme Nosso Lar já ultrapassou os 2,5 milhões de expectadores, me dedico a este estilo musical há 15 anos. É um ótimo momento para todos", declarou o músico. Plínio que está comemorando 15 anos de carreira agora em 2010, já lançou 25 álbuns autorais e vendeu mais de 100 mil cópias de maneira independente em shows e pela internet.



A história de um jovem que deu a volta por cima e mudou os preconceitos e condições que a síndrome de down pode trazer.

Por: Flavia Coelho e
Humberto MacLeod

Foi com quatro anos de idade que a família de Marcelo Nahas, portador da síndrome de down, descobriu o interesse e o dom que ele tinha pela arte. Desde pequeno ele gostava de pintar livros de colorir e fazer seus próprios desenhos

em cadernos. Além da pintura, a música e a natação também se tornaram uma paixão.

Marcelo nasceu em Curitiba no dia nove de fevereiro de 1982 e foi morar nos Estados Unidos com os pais quando tinha cinco anos de idade.

Lá, estudou na principal escola para portadores de síndrome de down do país, o que o ajudou a desenvolver suas habilidades. Depois de muita luta, inclusive na justiça, sua mãe conseguiu o matricular em uma escola pública em Florianópolis, aonde foram morar após o retorno ao Brasil. Ele se formou na 8ª série e foi eleito o orador da turma.

Desde muito cedo praticava esportes com o objetivo de maior integração com as crianças não portadoras da doença e para que pudesse ter um desenvolvimento melhor. O que mais se destacou em sua vida foi a natação. Participou de campeonatos internos, nacionais, internacionais e travessias. Foi para a Irlanda competir as Olimpíadas especiais e sempre foi acompanhado dos pais orgulhosos. "Eu e o Marcelo temos nosso tempo juntos. Principalmente quando fazemos travessias, aqui em Florianópolis mesmo, juntos", disse o pai, Marcus Nahas.

Quando começou a se interessar pela arte, sua mãe não hesitou e o colocou em

uma aula de. "Eu e minha mãe, avó de Marcelo, fazemos pinturas em tela e isso sempre o fascinou. Desde o início o incentivamos e, aos 12 anos, ele começou a fazer aulas", afirma Ana Nahas, mãe de Marcelo.

Ele participou de diversas exposições em Florianópolis e Curitiba, e adora dar quadros aos familiares. "Eu não gosto de vender os quadros. Eu pinto com muito amor e adoro dar amor de presente aos meus amigos e família", comenta ele. "Ninguém faz por ti, és tu que fazes por ti mesmo", é com essa frase que começa a auto-biografia que o Marcelo escreveu quando tinha



Marcelo com 3 medalhas em um torneio de natação em Florianópolis



19 anos. O livro foi produzido artesanalmente pela ONG Moradia e Cidadania de Florianópolis. “Uma vez por semana, ele sentava em meu consultório e escrevia tudo o que lembrava, da maneira simples, pura e até meio infantil. Cada dia um pouco. Essa foi a semente que cresceu, as ideias apareciam rapidamente, sem que eu tivesse que propor ou sugerir nada.” Falou Angela Vieira da Costa, professora particular de Marcelo que o ajudou a escrever o livro.

Sua vida e planos para o futuro mudaram muito após ter escrito o livro. Lá, ele co-

menta que é solteiro e só quer ser feliz ao lado de sua família. Hoje, nove anos depois, está trabalhando no SESI de Florianópolis. É casado com Raquel Azevedo, que também é portadora da síndrome de down e que compartilha os dons da pintura com seu marido.

Marcelo Nahas é um artista em todos os sentidos de sua vida. Não somente nos quadros, livros e entrevistas. E para finalizar, a frase que ele mesmo diz se identificar “Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a

***Ao longo da matéria, os quadros pintados por Marcelo Nahas**



O brilho prateado de MONTEVIDÉO

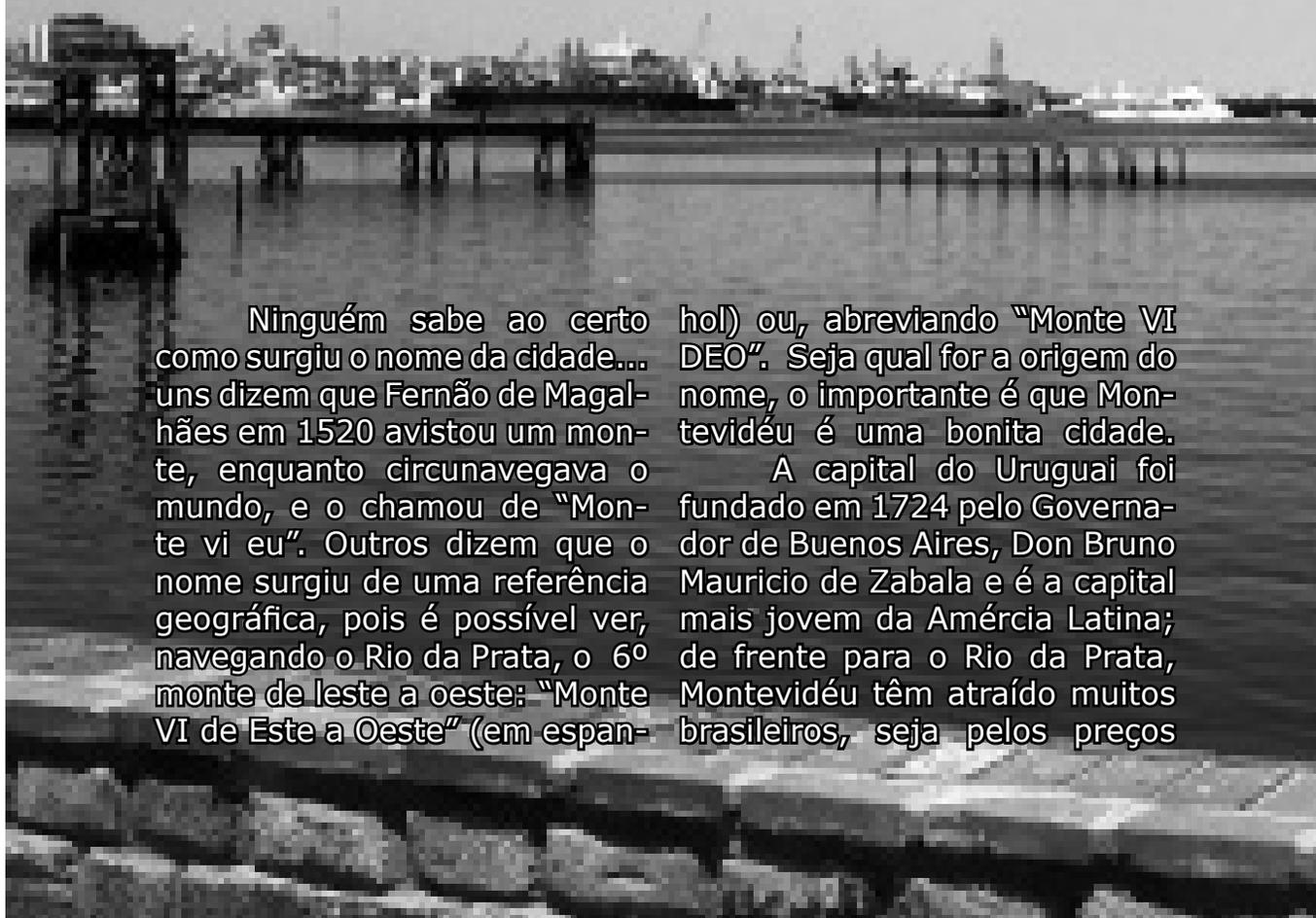
Por: Maria Luiza Iubel e Talita Candido Minorelli

Banhado pelo Rio da Prata, a cidade é um dos destinos preferidos dos brasileiros.

Ninguém sabe ao certo como surgiu o nome da cidade... uns dizem que Fernão de Magalhães em 1520 avistou um monte, enquanto circunavegava o mundo, e o chamou de "Monte vi eu". Outros dizem que o nome surgiu de uma referência geográfica, pois é possível ver, navegando o Rio da Prata, o 6º monte de leste a oeste: "Monte VI de Este a Oeste" (em espan-

hol) ou, abreviando "Monte VI DEO". Seja qual for a origem do nome, o importante é que Montevideu é uma bonita cidade.

A capital do Uruguai foi fundada em 1724 pelo Governador de Buenos Aires, Don Bruno Mauricio de Zabala e é a capital mais jovem da América Latina; de frente para o Rio da Prata, Montevideu têm atraído muitos brasileiros, seja pelos preços



com o peso uruguaio em baixa ou pelas inúmeras atrações turísticas que a cidade reserva.

Segundo Leopoldo Alves, consultor de viagens da Maringá Turismo, o ambiente de Montevideu é uma dos atrativos para os turistas. "Montevideu é considerada a cidade latino-americana com melhor qualidade de vida e isso reflete na população, alegre e hospitaleira, e o turista busca essas características quando visita uma cidade", comenta o consultor que ainda destaca a segurança como um dos melhores fatores da capital do Uruguai.

Tranquila, Montevideu pode ser apreciada a pé para os que gostam de uma boa caminhada, uma vez que o centro da cidade e os bairros são próximos, e quem optar pela caminhada poderá observar vários moradores com seus mates (bebida típica) na mão. Na Ciudad Vieja, no centro, o turista pode apreciar o melhor da gastronomia, da moda, da música e da diversão, noite a dentro. Quan-

do estiver por lá, não deixe de caminhar pelos 22km da Rambla, avenida "beira-rio" mas com praias e calçadão, e de visitar o antigo - e bota antigo nisso, existe há 140 anos - Mercado del Puerto com seus asadores de parrilla (prato típico da região).

Alves também indica um passeio pelo Palácio Legislativo, o Parque dos Aliados, Monumentos La diligencia e La Carreta, a Catedral Metropolitana e a tradicional Avenida 18 de Julho. A estudante Larissa Santana teve a oportunidade de visitar Montevideu e adorou a cidade. "Foi uma viagem muito legal - a cidade é linda, apenas mais nos bairros que é pouco preservado, mas acho que isso acontece em todas as cidades do mundo", diz Larissa, que também destaca o tempo de avião para chegar a capital uruguaia. "É rápido de avião, 2 horinhas ou até menos; e ainda há vários caminhos para fazer: direto de Curitiba, passando por Buenos Aires... vocês que escolhe", revela a estudante que



encantos de Montevidéu, que agora também se localizam em Carrasco e outros bairros novos e nobres, com excelentes restaurantes, shoppings modernos e diversão para todos. Desfrute dessa cidade da América Latina! Ninguém sabe ao certo como surgiu o nome da cidade... uns dizem que Fernão de Magalhães em 1520 avistou um monte, enquanto circunavegava o mundo, e o chamou de "Monte vi eu". Outros dizem que o nome surgiu de uma referência geográfica, pois é possível ver, navegando o Rio da Prata, o 6º monte de leste a oeste: "Monte VI de Este a Oeste" (em espanhol) ou, abreviando "Monte VI



DEO". Seja qual for a origem do nome, o importante é que Montevideu é uma bonita cidade.

A capital do Uruguai foi fundada em 1724 pelo Governador de Buenos Aires, Don Bruno Mauricio de Zabala e é a capital mais jovem da América Latina; de frente para o Rio da Prata, Montevideu têm atraído muitos brasileiros, seja pelos preços com o peso uruguaio em baixa ou pelas inúmeras atrações turísticas que a cidade reserva.

Segundo Leopoldo Alves, consultor de viagens da Maringá Turismo, o ambiente de Montevideu é uma dos atrativos para os turistas. "Montevideu é considerada a cidade

latino-americana com melhor qualidade de visa e isso reflete na população, alegre e hospitaleira, e o turista busca essas características quando visita uma cidade", comenta o consultor que ainda destaca a segurança como um dos melhores fatores da capital do Uruguai.

Tranquila, Montevideu pode ser apreciada a pé para os que gostam de uma boa caminhada, uma vez que o centro da cidade e os bairros são próximos, e quem optar pela caminhada poderá observar vários moradores com seus mates (bebida típica) na mão. Na Ciudad Vieja, no centro, o turista pode apreciar o melhor da gastrono-





versão, noite a dentro. Quando estiver por lá, não deixe de caminhar pelos 22km da Rambla, avenida "beira-rio" mas com praias e calçadão, e de visitar o antigo - e bota antigo nisso, existe há 140 anos - Mercado del Puerto com seus asadores de parrilla (prato típico da região). Alves também indica um passeio pelo Palácio Legislativo, o Parque dos Aliados, Monumentos La diligencia e La Carreta, a Catedral Metropolitana e a tradicional Avenida 18 de Julho.

A estudante Larissa Santana teve a oportunidade de visitar Montevideu e adorou a cidade. "Foi uma viagem muito legal - a cidade é linda, apenas mais nos bairros que é pouco preservado, mas acho que isso acontece em todas as cidades do mundo", diz Larissa, que também destaca o tempo de avião para chegar a capital uruguaia. "É rápido de avião, 2 horinhas ou até menos; e ainda há vários caminhos para fazer: direto de Curitiba, passando por Buenos Aires... vocês que escolhe", revela a estudante que está fazendo planos para voltar.

É preciso descobrir os encantos de Montevideu, que agora também se localizam em Carrasco e outros bairros novos e nobres, com excelentes restaurantes, shoppings modernos e diversão para todos. Desfrute

dessa cidade da América Latina! Ninguém sabe ao certo como surgiu o nome da cidade... uns dizem que Fernão de Magalhães em 1520 avistou um monte, enquanto circunavegava o mundo, e o chamou de "Monte vi eu". Outros dizem que o nome surgiu de uma referência geográfica, pois é possível ver, navegando o Rio da Prata, o 6º monte de leste a oeste: "Monte VI de Este a Oeste" (em espanhol) ou, abreviando "Monte VI DEO". Seja qual for a origem do nome, o importante é que Montevideu é uma bonita cidade.

A capital do Uruguai foi fundada em 1724 pelo Governador de Buenos Aires, Don Bruno Mauricio de Zabala e é a capital mais jovem da América Latina; de frente para o Rio da Prata, Montevideu têm atraído muitos brasileiros, seja pelos preços com o peso uruguaio em baixa ou pelas inúmeras atrações turísticas que a cidade reserva.

Segundo Leopoldo Alves, consultor de viagens da Maringá Turismo, o ambiente de Montevideu é uma das atrações para os turistas. "Montevideu é considerada a cidade latino-americana com melhor qualidade de vida e isso reflete na população, alegre e hospitaleira, e o turista busca essas características quando visita uma cidade", comenta o consul-

tor que ainda destaca a segurança como um dos melhores fatores da capital do Uruguai.

Tranquila, Montevideo pode ser apreciada a pé para os que gostam de uma boa caminhada, uma vez que o centro da cidade e os bairros são próximos, e quem optar pela caminhada poderá observar vários moradores com seus mates (bebida típica) na mão. Na Ciudad Vieja, no centro, o turista pode apreciar o melhor da gastronomia, da moda, da música e da diversão, noite a dentro. Quando estiver por lá, não deixe de caminhar pelos 22km da Rambla, avenida "beira-rio" mas com praias e calçadão, e de visitar o antigo - e bota antigo nisso, existe há 140 anos - Mercado del Puerto com seus asadores de parrilla (prato típico da região). Alves também indica um passeio pelo Palácio Legislativo, o Parque dos Aliados, Monumentos La diligencia e La Carreta, a Catedral Metropolitana e a tradicional Avenida 18 de Julio.

A estudante Larissa Santana teve a oportunidade de visitar Montevideo e adorou a cidade. "Foi uma viagem muito legal - a cidade é linda, apenas mais nos bairros que é pouco preservado, mas acho que isso acontece em todas as cidades do mundo", diz Larissa, que também destaca o tempo

de avião para chegar a capital uruguaia. "É rápido de avião, 2 horinhas ou até menos; e ainda há vários caminhos para fazer: direto de Curitiba, passando por Buenos Aires... vocês que escolhe", revela a estudante que está fazendo planos para voltar.

É preciso descobrir os encantos de Montevideo, que agora também se localizam em Carrasco e outros bairros novos e nobres, com excelentes restaurantes, shoppings modernos e diversão para todos. Desfrute dessa cidade da América Latina!

Ninguém sabe ao certo como surgiu o nome da cidade... uns dizem que Fernão de Magalhães em 1520 avistou um monte, enquanto circunavegava o mundo, e o chamou de "Monte vi eu". Outros dizem que o nome surgiu de uma referência geográfica, pois é possível ver, navegando o Rio da Prata, o 6º monte de leste a oeste: "Monte VI de Este a Oeste" (em espanhol) ou, abreviando "Monte VI DEO". Seja qual for a origem do nome, o importante é que Montevideo é uma bonita cidade.

A capital do Uruguai foi fundado em 1724 pelo Governador de Buenos Aires, Don Bruno Mauricio de Zabala e é a capital mais jovem da América Latina; de frente para o Rio da Prata, Montevideo têm atraído muitos brasileiros, seja pelos preços



ou pelas inúmeras atrações turísticas que a cidade reserva. Segundo Leopoldo Alves, consultor de viagens da Maringá Turismo, o ambiente de Montevideu é uma dos atrativos para os turistas. "Montevideu é considerada a cidade latino-americana com melhor qualidade de visa e isso reflete na população, alegre e hospitaleira, e o turista busca essas características quando visita uma cidade", comenta o consultor que ainda destaca a segurança como um dos melhores fatores da capital do Uruguai.

Tranquila, Montevideu pode ser apreciada a pé para os que gostam de uma boa caminhada, uma vez que o centro da cidade e os bairros são próximos, e quem optar pela caminhada poderá observar vários moradores com seus mates (bebida típica) na mão. Na Ciudad Vieja, no centro, o turista pode apreciar o melhor da gastronomia, da moda, da música e da diversão, noite a dentro. Quando estiver por lá, não deixe de caminhar pelos 22km da Rambla, avenida "beira-rio" mas com praias e calçadão, e de visitar o antigo - e bota antigo nisso, existe há 140 anos - Mercado del Puerto com seus asadores de parrilla (prato típico da região). Alves também indica um passeio pelo Palácio Legislativo, o

Parque dos Aliados, Monumentos La diligencia e La Carreta, a Catedral Metropolitana e a tradicional Avenida 18 de Julho. A estudante Larissa Santana teve a oportunidade de visitar Montevideu e adorou a cidade. "Foi uma viagem muito legal - a cidade é linda, apenas mais nos bairros que é pouco preservado, mas acho que isso acontece em todos as cidades do mundo", diz Larissa, que também destaca o tempo de avião para chegar a capital uruguia. "É rápido de avião, 2 horinhas ou até menos; e ainda há vários caminhos para fazer: direto de Curitiba, passando por Buenos Aires... vocês que escolhe", revela a estudante que está fazendo planos para voltar.

É preciso descobrir os encantos de Montevideu, que agora também se localizam em Carrasco e outros bairros novos e nobres, com excelentes restaurantes, shoppings modernos e diversão para todos. Desfrute dessa cidade da América Latina!

EXISTE LÓGICA NAS COLIGAÇÕES?



Partido Verde do Rio apoia José Serra, já o do Distrito Federal vai de Dilma. Em Minas, tucanos e petistas vivem de paparico, enquanto quanto nacionalmente são a mais declarada oposição. E o eleitor, entende alguma coisa nisso tudo?

Texto: Fernando de Jesus e
Luiz Henrique de Oliveira
Diagramação: Angela H. Weber

Desde o século XVII, nos tempos da Revolução Francesa, já haviam coligações entre as facções políticas que dominavam o país, porém nesta época, era nítido o posicionamento de cada grupo, diferente de agora. De um lado os Jacobinos (Montanha) apoiados pelos sans-culottes, povoão, do outro os Girondinos, ligados a setores da nobreza e do clero. E no meio o Pântano ou Planície, essa última facção não possuía uma orientação única e sempre pedia para o lado que mais lhe era conveniente. Existia ainda os 'nânicos' Cordeliers e Feuillants. Tudo bem definido e as claras, muito diferente do atual cenário político-nacional.

As definições de esquerda, direita e centro como conhecemos atualmente acontecem no período revolucionário conhecido como A convenção – 1792 a 1795. Elas devem-se ao posic-

ionamento em que os membros do governo provisório ocupavam na mesa da presidência, do lado direito os Girondinos, aliados a burguesia; do esquerdo os Jacobinos (Montanha) que defendiam avanços na revolução, e no meio, a Planície ou Pântano, com uma posição indefinida.

Durante a época do Império o Brasil foi comandado por dois partidos que ditavam os rumos da política do país, Partido Conservador e o Partido Liberal, ambos com suas definições firmes em relação a política nacional.

Durante a República Velha as legendas perderam espaço no cenário político. No período em que o país viveu sob a República Militar, as únicas representações partidárias que tinhamos eram a Arena, pró-governo e o MDB, que reunia todos os partidos contrários ao regime.

Após a volta da democracia direta no país a pluralidade partidária tomou conta do Brasil e com ela as indefinições ideológicas. Desde os primórdios

da democracia ocidental política se fez com a maioria, e no momento em que o Parlamento foi criado com os partidos a política ganhou nova face. Governava aquele que conseguia a maior bancada, mesmo que para isso tivessem que sangrar a bandeira que os criou, ou trair os sonhos que serviram de base para a sua formação. No Brasil não é diferente do resto do mundo, política não se faz sem alianças partidárias.

Em 2002 o país teve uma eleição histórica. Depois décadas na oposição o PT, Partido dos Trabalhadores, chegou ao poder, porém, tiveram que se aliar com o PL, Partido Liberal, do vice José Alencar, hoje no PRB, para vencer as eleições. Outro situação, o PT não tinha a maioria no Congresso para aprovar seus projetos de governo, a solução foi aliar-se a legenda de maior representação, o PMDB, Partido do Movimento Democrático no Brasil, entre outros nanicos. Essas situações confundem a pop-

ulação e acabam aumentando o descrédito político perante o país. "Acredito que tudo isso que vem acontecendo é mais culpa dos partidos, porque muitas vezes não escolhem bem seus candidatos e os caminhos a seguir. As legendas deviam escolher só candidatos com bom antecedentes e atuantes, e também manter uma mesma linha de apoio em todos os estados, ao perceber essa mudança, o eleitor passa a se interessar mais por política", afirma o ex deputado federal pelo PSDB, Paulo Munhoz da Rocha.

E a cada eleição a situação fica pior, em 2010 o PV de Marina Silva não sabe quem apoia no segundo turno, no Rio de Janeiro, por exemplo, Gabeira já afirmou votar em Serra, já no Distrito Federal, o apoio é ao PT. E nessa situação complicada os eleitores são obrigados a votar e escolher um caminho a seguir, e isso é fácil? Os partidos e suas mudanças em cada período eleitoral podem responder.



Revista Laboratório desenvolvida no
Programa de Aprendizagem
Produção e Edição de Revistas
6º período de Jornalismo - 2º semestre 2010
Curso de Comunicação Social - PUCPR

Reitor

Prof. Doutor Clemente Ivo Juliatto

Decano do CCJS

Prof. Roberto Linhares da Costa

Decano Adjunto do CCJS

Prof. Marilena Indira Winter

Direção do Curso de Jornalismo

Prof. Mônica Fort

Editora de Redação

Prof. Maria Teresa Marins Freire (DRT 17795)

Editora de Arte

Prof. Miriam Fontoura

Editores de Redação

Fernando de Jesus

Editores de Arte

Angela Hortencia Weber

Apoio

Central Integrada de Comunicação

Impressão

Editora Universitária Champagnat

contato

corpodamateria@gmail.com



É proibida a reprodução total ou parcial de textos,
fotos e ilustrações, por qualquer meio, sem prévia
autorização dos artistas ou da edição da revista





cabeças
muito mais³
birutas



a oportunidade para iniciar seu portfólio